A Droga Da Obediência 2.0 é uma homenagem minha a Pedro Bandeira, um autor infanto juvenil que fez relativo sucesso nos anos noventa, minha infância e pré adolescência. Boa Leitura a todos.

## Capítulo 1: O Alerta no Esconderijo Digital

O relógio marcava duas horas da manhã quando o smartphone de Miguel vibrou sobre a escrivaninha. Não era um toque comum. Era o "Canto da Coruja", um bipe sonoro modificado que apenas cinco pessoas no mundo possuíam.

Os Karas estavam sendo convocados.

Miguel saltou da cama, a adrenalina limpando qualquer rastro de sono. Há anos o grupo não se reunia para uma missão real. Agora, no penúltimo ano do Ensino Médio do Colégio Elite, a vida parecia resumida a simulados e pressões para o vestibular. Mas o perigo, ao que parecia, não tirava férias.

Cinco minutos depois, a tela do computador de Miguel brilhou, revelando uma sala de videoconferência ultracriptografada criada por Crânio. Um a um, os rostos conhecidos apareceram.

Crânio, com suas olheiras habituais e o olhar genial por trás dos óculos, digitava furiosamente.

Magrí, que havia trocado a ginástica artística pelo atletismo de alto rendimento, exibia uma expressão de severa preocupação.

Calu, sempre com seu charme teatral, parecia o único a tentar disfarçar o nervosismo com um sorriso tenso.

Chumbinho, agora um adolescente alto e o mestre em tecnologia do grupo, foi o primeiro a falar.

— Cara, vocês não vão acreditar no que eu encontrei na Dark Web — disparou Chumbinho, os olhos fixos em três telas simultâneas. — Lembram da história que nossos pais e os arquivos da escola contavam sobre o Doutor Q.I. e a terrível "Droga da Obediência"? Aquilo que tirava o livre-arbítrio dos jovens nos anos 80?

— Claro, Chumbinho — cortou Miguel, assumindo sua postura natural de líder. — O que tem isso? O laboratório foi desmantelado há décadas.

— O laboratório antigo sim — disse Crânio, assumindo a palavra com sua voz calma e analítica. — Mas o código genético da fórmula original foi roubado dos arquivos confidenciais da polícia há três dias. E não parou por aí.

Crânio compartilhou a tela, mostrando o banco de dados de uma gigantesca empresa de tecnologia de São Paulo, a NeoMind.

O Alvo: Uma nova atualização de sistema operacional para smartphones e smartwatches, chamada Obediência 2.0, prometia "otimizar o foco, eliminar a ansiedade e garantir o desempenho escolar máximo" de adolescentes. Lançamento oficial: em 48 horas.

— Espera aí — Magrí interveio, aproximando-se da câmera. — Eles estão mascarando a droga antiga na forma de um aplicativo? Um controle mental por ondas de radiofrequência ou biotecnologia?

— Exatamente — confirmou Crânio. — Eles descobriram uma forma de sintetizar os efeitos através de estímulos visuais e sonoros de alta frequência combinados com nanotecnologia adesiva — aqueles novos patches de saúde que todo mundo está usando no colégio para monitorar o sono. Quem instalar o app e usar o patch vai virar um robô humano. Um soldado obediente. Sem contestação. Sem rebeldia. Sem essência.

Um silêncio pesado caiu sobre a chamada de vídeo. Os Karas sabiam exatamente o que aquilo significava. O mundo mudara, os crimes haviam se tornado digitais, mas a ameaça à liberdade dos jovens era a mesma.

Miguel respirou fundo, sentindo o peito inflar com aquele velho e conhecido orgulho. Olhou para cada um de seus amigos através da tela.

— Eles acham que a juventude de hoje aceita qualquer atualização de sistema sem ler os termos de contrato — disse Miguel, com um sorriso desafiador surgindo no canto dos lábios. — Mas eles esqueceram que nós existimos. Está na hora de mostrar que os Karas estão mais vivos do que nunca.

Ele levantou a mão direita em frente à câmera, fechando o punho.

— Aviso aos Karas: Reunião física amanhã, antes do primeiro sinal, no nosso velho porão de manutenção do colégio. Levem seus dispositivos limpos. O nosso juramento ainda vale.

— O avesso do avesso! — sussurraram os cinco, em uníssono, fechando a transmissão.

O jogo havia começado. E a Droga da Obediência 2.0 estava prestes a encontrar seu pior pesadelo.

## Capítulo 2: O Protocolo Inverso

O silêncio no esconderijo subterrâneo dos Karas era absoluto, quebrado apenas pelo zumbido em lá maior dos coolers do computador de Crânio. A frase ainda ecoava na tela, brilhando em um verde neon que parecia extraído direto dos anos 1980, embora o software ali rodando fosse mais avançado do que qualquer coisa que a inteligência militar possuísse.

“O jogo havia começado. E a Droga da Obediência 2.0 estava prestes a encontrar seu pior pesadelo.”

— Eles acham que redes neurais e algoritmos comportamentais podem substituir o livre-arbítrio — disse Crânio, sem tirar os olhos das linhas de código que subiam pela tela principal. Seus dedos voavam pelo teclado mecânico com um ritmo hipnótico. — A versão original atacava a química cerebral. A 2.0 ataca o fluxo de informação. Ela molda o que você vê, o que você curte, o que você consome, até que sua opinião não seja mais sua. É uma obediência digital consentida.

Miguel caminhou até o mapa holográfico da cidade, projetado no centro da mesa de reuniões. Seus olhos castanhos transmitiam a mesma determinação que, anos atrás, o transformara no líder do grupo de estudantes mais audacioso do Colégio Elite.

— O Doutor Q.I. pode ter modernizado os métodos, mas o objetivo final é exatamente o mesmo de trinta anos atrás: controle absoluto — Miguel cruzou os braços, a voz firme. — Só que desta vez, não há um antídoto físico que possamos roubar de um laboratório. Se a fórmula é digital, a nossa invasão também precisa ser.

— E é aí que eu entro — Calu sorriu, ajustando a câmera de alta resolução acoplada ao seu boné. Ele havia passado as últimas duas semanas se infiltrando nos círculos de influencers financiados pela OmniCorp, a fachada corporativa que os Karas suspeitavam estar distribuindo o aplicativo camuflado. — Eles acham que controlam a narrativa. Mas o teatro só funciona enquanto o público não vê os cabos que movem os fantoches.

De repente, um bipe agudo cortou o ar. O monitor de Crânio piscou em vermelho.

— Alerta de proximidade na rede — avisou Crânio, a testa franzida de preocupação. — Tentativa de rastreamento reverso. Eles detectaram o nosso ping.

— Eles quem? — Magrí se aproximou, a agilidade de ex-atleta evidente em cada movimento tenso. — O aplicativo?

— Não o aplicativo. O sentinela dele — Crânio digitou um comando rápido, isolando o servidor dos Karas em uma sub-rede segura. — É uma inteligência artificial adaptativa. Ela não está apenas bloqueando meu acesso; ela está tentando invadir o nosso sistema para descobrir nossa localização física.

A porta do esconderijo se abriu num estalo. Chumbinho entrou correndo, trazendo um tablet militar nas mãos. Seu rosto jovem estava pálido, mas os olhos brilhavam com a adrenalina do perigo.

— Gente, vocês precisam ver isso agora — Chumbinho colocou o tablet na mesa. — O sinal da Droga da Obediência 2.0 acabou de entrar em fase de testes fechados no Colégio Elite. Os alunos do terceiro ano... eles estão agindo como robôs. Sem discussões, sem risadas, sem questionamentos. O aplicativo foi instalado na atualização obrigatória do sistema da escola.

Miguel olhou para cada um dos seus amigos. O perigo realimentava a chama que os unira no passado. O mundo havia mudado, os cabelos de alguns já mostravam os primeiros fios de experiência, mas o juramento continuava intacto.

— Calu, você e o Chumbinho vão monitorar o perímetro do Elite. Descubram onde está o servidor local que está replicando o sinal — comandou Miguel, o instinto de liderança assumindo o controle absoluto. — Magrí, preciso de você na cobertura física. Se a IA do Doutor Q.I. descobrir nossa posição, eles vão enviar segurança privada, e não a polícia.

— E você e o Crânio? — perguntou Magrí, já verificando os bipes de seu comunicador de pulso.

Miguel olhou para a tela, onde o código inimigo tentava quebrar a última barreira de criptografia dos Karas.

— Nós vamos dar a essa inteligência artificial exatamente o que ela quer. Vamos abrir a porta... e deixar o pior pesadelo dela entrar.

Crânio sorriu de canto, os dedos posicionados sobre a tecla Enter.

— Protocolo Inverso em três, dois, um...

Os Karas estão de volta, mas o inimigo agora está em toda parte. O que acontecerá quando a Droga da Obediência 2.0 revidar?

Capítulo 3: Códigos na Merenda e Fantasmas no Tablet

O sinal para o intervalo do Colégio Santa Gema não soou como o trim clássico que os pais dos Novos Karas ouviam no velho Colégio Elite. Era uma melodia suave, sintetizada, que parecia acalmar os ânimos instantaneamente. Mas para o novo grupo, aquele som causava arrepios.

Miguel, o líder informal da nova geração — que herdara do pai não apenas o nome, mas a obsessão por lógica —, deslizou os dedos pela tela de seu tablet. Os gráficos de monitoramento da rede Wi-Fi da escola estavam agindo de forma bizarra.

"Olhem isso", sussurrou Miguel, reunindo o grupo nos fundos do pátio, perto dos antigos ipês que resistiam à modernização da escola. "A latência da rede oscila exatamente nos mesmos segundos em que os alunos mudam de comportamento. Não é a água, não é a comida. A Droga da Obediência 2.0 não é digerida. Ela é transmitida."

Calu, o mais ágil do grupo, olhou ao redor. Pela inteligência visual que puxara de seu tio, ele percebeu o padrão imediatamente: dezenas de alunos caminhavam em direção ao refeitório com os olhos colados nas telas de seus smartphones. Seus passos eram perfeitamente sincronizados.

O Alvo: A Sala de Controle

O plano dos Novos Karas precisava ser executado antes da próxima aula. Se o desfecho do capítulo anterior provou que o "inimigo invisível" já controlava a diretoria do Santa Gema, eles tinham pouco tempo.

Miguel: Ficaria na retaguarda, quebrando a criptografia do sinal.

Chiquinho: Usaria sua velocidade para infiltrar o servidor central no subsolo.

Magri: Monitoraria os corredores, usando sua ginástica e agilidade para despistar os inspetores que já pareciam robôs automatizados.

Crânio Neto: O cérebro tecnológico, encarregado de isolar o sinal de rádio que causava a apatia nos estudantes.

"Se nossos pais venceram o Doutor Q.I. com coragem e cadernos de anotações", disse Magri, ajustando a mochila nas costas, "nós vamos vencer esse algoritmo com a mesma audácia."

## A Descoberta Embaixo da Terra

Chiquinho deslizou pelo duto de ventilação até a sala de manutenção do Santa Gema. O ar ali era frio e cheirava a ozônio. No centro da sala, não havia apenas fiação escolar. Havia um supercomputador modular, brilhando em luzes azuis e vermelhas, conectado diretamente à antena principal do colégio.

Ele puxou o celular e iniciou a transmissão de vídeo para Crânio Neto.

Crânio (via ponto eletrônico): Meu Deus, Miguel... Isso não é um servidor escolar. É um modulador de frequência sub-neuronal. Eles estão usando ondas de curtíssimo alcance para interagir com os biochips ou até com as notificações dos celulares dos alunos. É por isso que eles obedecem sem questionar. É o efeito colateral da 'Droga da Obediência 2.0': ela escraviza a atenção e a força de vontade através das telas.

De repente, a porta de ferro da sala de manutenção começou a girar. O trinco pesado estava sendo aberto pelo lado de fora. Chiquinho olhou para cima, mas o duto de ventilação era alto demais para alcançar em um segundo.

A sombra que se projetou no chão não era a de um inspetor comum. Era o Diretor do Colégio Santa Gema, mas seus olhos, antes expressivos, estavam completamente opacos, e ele segurava um dispositivo que emitia um zumbido agudo e paralisante. Os Novos Karas tinham acabado de ser encurralados.

Como os Novos Karas vão escapar dessa armadilha tecnológica agora que o próprio diretor está sob o efeito do sinal?

## Capítulo 4: Frequência Fantasma

O silêncio nos corredores do Colégio Santa Gema nunca tinha sido tão aterrorizante. Miguel observava a tela do celular, onde o gráfico de ondas sonoras oscilava em um tom verde doentio. O sinal de ultra-alta frequência, aquele mesmo que vinha transformando os alunos em zumbis obedientes nas últimas semanas, agora tinha um novo alvo. E o pior cenário possível tinha se concretizado.
— O Diretor se rendeu — sussurrou Crânio, ajustando os óculos enquanto digitava furiosamente em seu notebook modificado. — Os parâmetros de voz dele mudaram 15% nos últimos três minutos. Ele não está mais respondendo por si. O sistema de segurança total da escola agora está operando sob o comando dele... ou melhor, de quem está controlando o sinal.

— O que significa que estamos trancados do lado de fora da nossa própria base, e o homem que tem a chave de tudo quer a nossa cabeça — concluiu Calu, escorada contra a parede de tijolos do beco escuro logo atrás do muro do colégio. Eles haviam pulado a cerca segundos antes de os portões magnéticos se trancarem com um estalo violento.

Magrí limpava o suor da testa, o coração ainda batendo no ritmo da fuga alucinante que recém haviam feito pelo duto de ventilação da ginástica.

— Nós escapamos por pouco lá dentro, mas não podemos ir longe. Se o sinal se espalhar pela rede Wi-Fi da cidade a partir da antena central da escola, vai ser o fim.

— Ele já está se espalhando — Chumbinho apontou para a rua principal.

À distância, as luzes dos postes de iluminação pública começaram a piscar em um padrão rítmico, quase hipnótico. O perigo não era mais uma ameaça analógica; a armadilha era digital, invisível e corria na velocidade da luz.

O Inimigo Invisível

Miguel guardou o celular e olhou para cada um dos Novos Karas. O medo estava ali, mas a determinação do grupo era maior.

"Um por todos, e todos por um", o velho lema ecoou na mente de cada um, mesmo sem ser dito em voz alta.

— Crânio, me diz que você tem um plano de contingência — pediu Miguel, mantendo a voz firme para conter o pânico que ameaçava se espalhar.

— Eu tenho uma teoria, mas é arriscada — Crânio virou a tela do notebook para o grupo. — O sinal digital precisa de uma portadora física para afetar o cérebro humano. O diretor foi infectado porque estava usando o headset bluetooth corporativo da escola. O sinal se propaga por proximidade de rede.

— Então, se a gente se aproximar... — Calu começou.

— Nós viramos os próximos soldados do Diretor — completou Crânio. — A menos que a gente use um ataque de pulso eletromagnético reverso. Se conseguirmos saturar a frequência da antena principal do colégio com um ruído branco massivo, nós quebramos o efeito do sinal no cérebro do diretor e derrubamos a rede antes que ela contamine o resto do bairro.

A Cartada Final

Para fazer isso, eles precisavam voltar. Não para dentro do colégio, mas para a subestação de energia que ficava colada ao muro dos fundos.

De repente, o celular de Miguel vibrou. Não era uma mensagem de texto. Era uma chamada de vídeo do próprio Diretor.

Miguel atendeu, colocando no viva-voz. A imagem que surgiu na tela fez o sangue deles congelar. O Diretor estava parado no centro da sala de controle, com os olhos fixos, sem piscar. Atrás dele, os monitores exibiam as câmeras de segurança da rua exata onde os Karas estavam escondidos.

— Eu vejo vocês, meus jovens — a voz do Diretor era monocórdica, desprovida de qualquer emoção humana. — A tecnologia liberta da dúvida. Venham para o lado da ordem. O sinal está prestes a atingir a potência máxima de transmissão em 180 segundos. Não há para onde correr.

A ligação caiu.
Os Novos Karas se olharam. O cronômetro estava correndo. 180 segundos para salvar o diretor, o colégio e a si mesmos de uma prisão digital eterna.
— Calu, Chumbinho, distraiam as câmeras da rua — comandou Miguel, os olhos brilhando com a adrenalina. — Magrí, você vem comigo e com o Crânio para a subestação. Vamos ver se essa armadilha tecnológica é mesmo à prova dos Karas.
Eles se separaram na escuridão da noite, sabendo que qualquer erro os transformaria em meras marionetes do sistema.

## Capítulo 5: O Eco dos Passos de Vidro

A escuridão da noite não era apenas a ausência de luz; era um peso sufocante. O silêncio durou exatamente quatro minutos—o tempo necessário para Magri alcançar o perímetro do Setor 7 e para os rastreadores térmicos do Sistema captarem o calor residual de suas botas.
Um zumbido agudo cortou o ar. Não era um alarme comum, mas a frequência de ativação dos Sentinelas Biomecânicos.
Se eles te pegarem, você não morre. Você apenas esquece quem é.
A frase que Crânio havia sussurrado antes da separação ecoou na mente de Magri enquanto ela se espremia contra a parede de metal frio de um beco. À sua frente, a avenida principal estava deserta, mas o chão de asfalto sintético começou a pulsar em um tom azul-neon. Ela sabia que havia uma anomalia na rede.
A Emboscada
Magri não esperou o cerco fechar. Ela sacou o Pulsor Inversor — uma arma ilegal que Crânio tinha modificado com sucata tecnológica — e correu.
De repente, duas figuras saltaram do telhado do armazém à esquerda. Não eram humanos, não mais. Os Pacificadores moviam-se com uma sincronia assustadora, os rostos cobertos por viseiras espelhadas que refletiam a própria imagem de Magri, distorcida e assustada. Suas articulações estalavam com o som de servos hidráulicos.
À esquerda: O primeiro Pacificador avançou com uma lâmina de choque estendida.
À direita: O segundo ergueu o braço, disparando um dardo de reprogramação neural direta no peito dela.
Com um reflexo moldado por anos de sobrevivência, Magri se jogou no chão úmido. O dardo passou raspando por seu ombro, faiscando contra a parede. Ainda deslizando, ela apontou o Pulsor para as pernas do primeiro ciborgue e disparou.
BOOM.
A onda de choque de alta frequência não destruiu o metal, mas interrompeu o sinal de comando do Sistema. As pernas do Pacificador travaram instantaneamente, e ele desabou para a frente como um boneco de engrenagens quebradas.
Correndo Contra o Tempo

O segundo oponente mudou de tática. Em vez de atacar, ele abriu a boca, emitindo um pulso sônico projetado para paralisar o sistema nervoso de Magri, seus ouvidos começaram a sangrar; a visão ficou turva, as bordas do mundo escurecendo. As marionetes do governo estavam prestes a puxar os seus fios.
“Reage, Magri!” ela gritou para si mesma internamente.
Usando o resto de suas forças, ela não mirou no Pacificador, mas na caixa de distribuição de energia que alimentava os outdoors holográficos acima deles. Ela puxou o gatilho do Pulsor no limite da carga.
O painel estourou em uma chuva de faíscas cegantes e fumaça ácida. A sobrecarga elétrica ricocheteou pelo chão molhado, fritando os circuitos do segundo Sentinela, que começou a convulsionar antes de entrar em curto-circuito total.
A Fuga
Magri se levantou, limpando o sangue do nariz com as costas da mão. Suas pernas tremiam, e o Pulsor em seus dedos estava quente demais para segurar. Ela olhou para trás e viu os holofotes dos drones de vigilância varrendo as ruas vizinhas. O tempo dela havia acabado.
Ela correu em direção à boca do bueiro que levava aos canais subterrâneos. Antes de descer para a escuridão fétida e segura, ela olhou para o terminal de dados piscando na esquina. Uma mensagem de texto genérica e criptografada cruzou a tela por um segundo, uma assinatura que só Crânio usaria:
[Nível 3 limpo. Vá para o ponto de encontro. Eles estão vindo.]
Ela sorriu, o coração batendo na garganta. A caçada humana do estava apenas começando, mas, pelo menos por aquela noite, eles ainda eram donos de suas próprias mentes. Magri saltou para o esgoto, deixando o eco de seus passos de vidro para trás.

## Capítulo 6

O porão do Colégio Elite continuava exatamente igual: o mesmo cheiro de mofo misturado com cera de assoalho, as pilhas de carteiras velhas e a penumbra que os protegia do resto do mundo. Mas, em cima da mesa de madeira caquética, o velho mapa de papel agora dividia espaço com o brilho azulado da tela de um notebook de última geração.

Miguel andava de um lado para o outro, com as mãos nos bolsos da calça do uniforme. Seu rosto carregava a gravidade típica de um líder que sabe que o tempo está correndo.

— O Calu ainda não deu notícias? — perguntou Miguel, parando de frente para Crânio.

Crânio nem se mexeu. Seus dedos voavam pelo teclado do notebook, os olhos compenetrados fixos nas linhas de código que subiam pela tela. Ele empurrou os óculos para o topo do nariz e gesticulou com a cabeça.

— O Calu está no pátio central tentando interceptar o sinal dos celulares do pessoal do terceiro ano. Mas a coisa é mais séria do que a gente imaginava, Miguel. Olha isso aqui.

Chumbinho se aproximou da mesa, espremendo-se para olhar a tela. Magrí, que até então estava encostada na parede testando a elasticidade de uma nova sapatilha, aproximou-se num salto ágil.

— O que você achou, Crânio? — perguntou Magrí, a voz tensa. — É o mesmo padrão do sumiço dos alunos da semana passada?

— Pior — respondeu o gênio dos Karas. Ele isolou um bloco de dados na tela e apontou. — A antiga Droga da Obediência era um composto químico, algo que precisava ser engolido ou injetado. A versão 2.0 não precisa de laboratório farmacêutico. Ela é digital, transmitida pelo smartphone e smartwatch.

— Digital?! — Chumbinho arregalou os olhos. — Como assim? Estão envenenando o Wi-Fi da escola?

— Quase isso, Chumbinho — Crânio deu um meio-sorriso, embora o assunto fosse sombrio. — É um aplicativo. Um jogo de realidade aumentada que todo mundo baixou nos últimos três dias. Eu consegui quebrar a criptografia do código-fonte. Por trás dos gráficos bonitinhos, tem uma frequência de áudio imperceptível ao ouvido humano combinada com um padrão de luzes estroboscópicas na tela.

Miguel bateu com o punho na palma da mão.

— Hipnose por indução digital. É por isso que o pátio parecia um cemitério hoje na hora do intervalo. Centenas de alunos olhando para as telas, completamente inertes, obedecendo a comandos que vinham por notificação push.

De repente, a porta do porão rangeu. Todos entraram em posição de alerta, mas era apenas Calu. Ele entrou escorregando, com o rosto pálido e o celular na mão.

— Gente... a coisa azedou — disse Calu, sem fôlego. — Eu estava fingindo jogar o jogo perto do Grêmio Estudantil. O diretor entrou no pátio acompanhado por dois homens de terno escuro. Eles não andavam como professores. Pareciam... robôs. E o pior: eles estavam recolhendo os alunos que não estavam usando o celular.

— Eles estão isolando quem ainda tem pensamento crítico — concluiu Miguel, com o olhar firme. — Os Karas são os próximos da lista se não agirmos agora.

Magrí colocou a mão no ombro de Miguel.

— Nós já derrotamos o Doutor Saimon e o Doutor Lei no ano passado, Miguel. Não importa se a droga agora é um aplicativo. O ponto fraco de qualquer sistema controlado é que ele não sabe lidar com o imprevisto. E o imprevisto somos nós.

— O que nós fazemos, chefe? — perguntou Chumbinho, animado, esquecendo o medo por um segundo.

Miguel olhou para cada um deles. O juramento dos Karas ecoava na mente de todos, mais vivo do que nunca.

— Crânio, você consegue criar um "antivírus"? Algo que quebre essa frequência de áudio se dispararmos pelas caixas de som da escola?

— Preciso de vinte minutos e de acesso ao servidor central de áudio do colégio — Crânio respondeu, os olhos já brilhando com o desafio.

— Calu, você vai usar seu talento dramático para distrair os inspetores no corredor do bloco B. Magrí e Chumbinho, vocês dão cobertura para o Crânio chegar até a sala de controle. E eu vou tentar descobrir quem está por trás do servidor que está enviando esses comandos.

Miguel estendeu a mão direita no centro da mesa. Magrí colocou a sua por cima, seguida por Crânio, Calu e, por fim, o pequeno e valente Chumbinho.

— Quem somos nós? — sussurrou Miguel.

— OS KARAS! — responderam os quatro, em um uníssono abafado, mas cheio de coragem, prontos para enfrentar a nova era da obediência.

## O Desfecho: A Última Fronteira da Liberdade

O plano havia funcionado, mas apenas em parte. O contrasinal sonoro disparado por Crânio nas caixas de som do Colégio Santa Gema libertara os estudantes, mas o verdadeiro ninho da serpente era muito maior. Seguindo as coordenadas digitais que Miguel rastreara, os Karas não encontraram um laboratório sombrio, mas sim o topo do edifício de tecnologia mais moderno da avenida principal.

Lá estava ele. Não mais escondido atrás de codinomes. O Doutor Q.I. vestia um terno impecável, cercado por dezenas de monitores que brilhavam com o mapa da cidade. Ao lado dele, homens e mulheres adultos — juízes, policiais, prefeitos e pais de família — guardavam as entradas, estáticos, com os pulsos brilhando com a luz azul de seus smartwatches.

— Vocês chegaram tarde, meus jovens intrometidos — a voz do Doutor Q.I. ecoou pela sala, fria e carregada de uma superioridade doentia. — Olhem para eles! Os adultos, os que se achavam tão sábios, entregaram suas mentes de bandeja. Bastou uma promessa de produtividade, um aviso de notificação na tela de seus relógios e celulares, e eu ganhei o controle total. A Droga da Obediência 2.0 não escraviza o corpo, ela escraviza a atenção!

Miguel deu um passo à frente, os punhos cerrados. Seus amigos estavam logo atrás, formando uma barreira de coragem.

— Você errou, Doutor Q.I. — a voz de Miguel não tremeu. — Você achou que a tecnologia era a sua maior arma, mas ela também é a sua maior fraqueza.

— Bobagem! — esbravejou o vilão, tocando na tela de seu tablet mestre. — Um único comando meu e todos esses adultos expulsam vocês daqui. Eu controlo o mundo pelo pulso de cada um deles!

— Controla? — foi a vez de Crânio falar, exibindo um pequeno dispositivo com um único botão vermelho, que ele montara com as peças do porão. — Você esqueceu que os smartwatches e os celulares precisam de uma coisa para funcionar: a rede. Enquanto você fazia seu discurso, o Chumbinho e a Magrí sabotaram a antena repetidora do topo deste prédio. E este aparelhinho aqui... é um gerador de pulso eletromagnético localizado.

O Doutor Q.I. empalideceu.

— Não... vocês não teriam coragem. Isso vai queimar os aparelhos de toda a região! Vai desligar a cidade!

— A cidade pode passar uma noite no escuro, Doutor — disse Magrí, com os olhos brilhando. — Mas as mentes dessas pessoas vão acordar livres.

— Parem! — gritou o vilão, avançando.

Crânio olhou para Miguel, que assentiu. Com um clique seco, o botão foi pressionado.

Uma onda invisível varreu a sala. Telas piscaram e se apagaram. Os visores dos smartwatches nos pulsos dos adultos se tornaram buracos negros e sem vida. Por três segundos, houve um silêncio absoluto.

E então, o milagre da vida real aconteceu. O juiz piscou os olhos, confuso. Uma mãe olhou para as próprias mãos, respirando fundo como se acordasse de um pesadelo de anos. Os adultos começaram a olhar uns para os outros, recuperando a fala, a vontade e a individualidade. O exército de zumbis digitais do Doutor Q.I. desmoronara.

O vilão caiu de joelhos, olhando para as telas apagadas de seu império tecnológico. Ele estava derrotado pelo improviso, pela união e pela audácia de cinco adolescentes.

Miguel aproximou-se do homem caído, olhando-o de cima com a autoridade de quem defendia o futuro.

— Você nunca vai entender, não é, Doutor Q.I.? A obediência cega pode ser programada, mas a liberdade... a liberdade é uma força humana que nenhum algoritmo jamais será capaz de calcular.

Lá embaixo, as sirenes da polícia — agora guiada por homens livres — começavam a soar. Os Karas se entreolharam. Não precisavam de medalhas, aplausos ou postagens em redes sociais. Eles tinham uns aos outros.

Rapidamente, antes que os adultos notassem a presença deles, os cinco deslizaram pelas escadas de emergência em direção às sombras da noite. O mundo estava salvo novamente. Os Karas haviam vencido.